

"Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos quando somos ofendidos"

Este trecho é o momento culminante do Pai-Nosso, a chave estratégica para todo o Tratamento. Observemos que Jesus concebeu de tal maneira esta maravilhosa oração que ela cobre todo o desenvolvimento de nossas almas, da maneira mais concisa e reveladora possível. Não omite nada que seja essencial à nossa

salvação, mas é tão compacta que nenhum pensamento ou nenhuma palavra é demais. Cada ideia se enquadra em seu lugar com harmonia e sequência perfeitas. Tudo o mais seria redundância, qualquer coisa a menos seria considerada incompleta, e, no ponto em que está, aborda o fator crítico do perdão.

Após nos dizer o que Deus é, o que o homem é, como o Universo funciona, como devemos cumprir nossa missão - a salvação da humanidade e de nossas almas - , ele explica qual o nosso verdadeiro alimento, a maneira como o podemos conseguir; e passar depois ao perdão dos pecados.

Perdoar os pecados é o problema central da vida. O pecado é um sentimento de separação de Deus e a maior tragédia que o homem pode experimentar. Naturalmente, suas origens têm raízes no egoísmo. No fundo, é uma tentativa de obter algum suposto bem, ao qual, por justiça, não temos direito. É uma sensação de existência pessoal isolada e egocêntrica, ao passo que a Verdade da Existência é que tudo é Uno. Nós somos um só com Deus, inseparáveis Dele, expressando Suas ideias, testemunhando Sua natureza - o Pensamento dinâmico de Sua Mente. Como fazemos parte do grande Todo de que somos espiritualmente, uma parcela, daí se segue que somos um só com todos os homens. Por vivermos, nos movermos e existirmos Nele, somos, no sentido absoluto, essencialmente um só.

O mal, o pecado, a queda do homem, tudo é no fundo uma tentativa de negar essa verdade em nossos pensamentos. Procuramos viver separados Dele. Procuramos viver sem Ele. Agimos como se tivéssemos vida própria, como se pudéssemos pensar separadamente, como se pudéssemos ter planos, propósitos e interesses separados dos Dele. Tudo isso, se fosse verdade, significaria que a existência não é Una e harmoniosa, e sim um caos de luta e competição. Significaria que estamos separados dos nossos semelhantes e poderíamos injuriá-los,

roubá-los, machucá-los ou até mesmo destruí-los sem que nada nos acontecesse e que, quanto mais tirássemos dos outros, mais teríamos para nós. Significaria que, quanto mais considerássemos nossos próprios interesses e quanto mais indiferença tivéssemos pelo bem-estar dos outros, melhor viveríamos. Naturalmente, daí resultaria que os outros também nos tratariam da mesma maneira e que deveríamos esperar que isso acontecesse. Ora, se isso fosse verdade, o universo inteiro não passaria de uma selva, que mais cedo ou mais tarde acabaria sendo destruída por sua fraqueza e anarquia. Mas essa não é a verdade, e nisso reside a alegria de viver.

- É claro que muitos indivíduos agem como se achassem que isso é verdade e muitas outras pessoas, que ficariam horrivelmente chocadas se deparassem com esta proposição a sangue-frio, pensam, não obstante, que essa deve ser a maneira natural das coisas, embora elas próprias sejam, pessoalmente, incapazes de agir conscientemente de acordo com tal modo de pensar. Ora, essa é a base real do pecado, do ressentimento, da condenação, do ciúme, do remorso e de todos os males que nos afligem.

Essa crença na existência independente e separada é a essência do pecado, portanto, antes de podermos avançar, temos de cortar esse mal pela raiz. Jesus sabia disso e foi por essa razão que inseriu, nesse ponto crítico, uma afirmação cuidadosamente preparada, que englobasse nosso fim e o dele, sem haver sequer uma sombra de possibilidade de errar. Inseriu, nada mais nada menos, que uma cláusula, uma declaração, capaz de nos forçar, sem qualquer possibilidade de fuga, evasão, reserva mental ou subterfúgio de qualquer espécie, a executar o grande sacramento do perdão em sua maior capacidade.

Quando repetimos a Grande Oração - o Pai-Nosso - de maneira inteligente, refletindo sobre o que estamos dizendo e nos propondo a realizar tais coisas, vemo-nos, de repente, por assim dizer, entre a cruz e a espada, confrontados com esse problema, do qual não há escapatória. Temos de estender o perdão a todos aqueles a quem devemos perdão, ou seja, a todos aqueles que pensamos nos tenham injuriado de alguma maneira. Jesus não permite que se façam sofismas acerca desse fato fundamental.

Construiu sua Oração com mais habilidade do que um advogado ao redigir uma minuta contratual. Conseguiu fazer com que, uma vez que a nossa atenção fosse atraída para o assunto, nos víssemos obrigados a perdoar nossos inimigos verdadeira e sinceramente, sob pena de nunca mais podermos repetir essa oração. Pode-se dizer que ninguém que leia este livrinho com compreensão

poderá voltar a usar o Pai-Nosso a menos que haja ·perdoado. Se tentar dizê-lo sem ter perdoado, pode ter a certeza de que não conseguirá terminar a oração. Essa grande cláusula central vai ficar presa em sua garganta.

Repare que Jesus não diz: "Perdoai as minhas ofensas e eu tentarei perdoar as dos outros" ou "Vou ver se posso fazer isso" ou "Vou perdoar, com certas exceções". Ele nos obriga a declarar que nós perdoamos e faz com que nosso próprio perdão dependa disso. Quem terá a coragem de dizer suas orações, se não ansiar pelo perdão ou pelo cancelamento de seus próprios erros e faltas? Quem seria tão insensato a ponto de tentar procurar o Reino de Deus sem desejar primeiro ser aliviado de seu sentimento de culpa? Ninguém, supomos. Vemos, assim, que estamos numa posição insustentável, que não podemos exigir nossa libertação sem primeiro termos libertado nossos irmãos.

O perdão dos outros é o vestíbulo do Céu, e Jesus, sabendo disso, levou-nos até à porta. Você precisa perdoar a todos os que o feriram, se quiser ser perdoado - e ponto final. Tem de se livrar de todo ressentimento e condenação para com os outros e, também, da autocondenação e do remorso. Precisa perdoar os outros e, tendo parado de cometer seus próprios erros, aceitar o perdão de Deus' também para eles, ou não poderá fazer nenhum progresso.

Precisa perdoar a si próprio, mas só poderá fazê-lo sinceramente depois que tiver perdoado aos outros. Após ter-lhes perdoado, você deve estar preparado para se perdoar também a si mesmo, pois recusar-se a se perdoar a si mesmo é sinal de orgulho espiritual. "E por esse pecado caíram os anjos." Nunca é demais repetir que é preciso perdoar. Existem poucas pessoas no mundo que nunca tenham sido feridas, realmente feridas, por outros ou sofrido decepções, ou sido injuriadas, enganadas ou iludidas. Essas coisas entranham na memória, onde geralmente causam feridas profundas, e para isso há apenas um remédio: extirpá-las e jogá-las fora. E a única maneira de fazer isso é através do perdão.

Naturalmente, nada no mundo é mais fácil do que perdoar as pessoas que não nos feriram muito. Nada é mais fácil do que se erguer acima da ideia de uma perda insignificante. Todo mundo está disposto a fazer isso, mas o que a Lei da Existência exige de nós é que perdoemos não apenas essas ninharias, mas também as coisas tão difíceis de perdoar, que a princípio parece impossível fazê-lo. O coração, desesperado, grita: "Isso é pedir demais. Foi uma coisa que calou fundo em mim. Impossível, não posso perdoar!" Mas o Pai-Nosso faz com que Deus nos perdoe, faz com que escapemos à culpa e à limitação, que dependem justamente disso.

Não se pode fugir; é preciso perdoar, por mais fundo que tenhamos sido feridos ou por mais que tenhamos sofrido. Se suas orações não estiverem obtendo resposta, procure em sua consciência e veja se não há alguém a quem você ainda tenha que perdoar. Verifique se você não guarda ressentimento de alguma velha ofensa. Procure e veja se não sente rancor (que pode ser camuflado sob o manto da virtude) contra qualquer pessoa ou grupo de pessoas, nação, raça, classe social, seita religiosa ou partido político. Se estiver fazendo isso, terá de perdoar, e uma vez feito isso, provavelmente fará sua demonstração. Se não puder perdoar por ora, terá de esperar por sua demonstração até ser capaz de perdoar, e também terá de adiar o fim da oração do Pai-Nosso, sob pena de se colocar na posição de não desejar obter o perdão de Deus.

Libertar os outros quer dizer libertar-se a si mesmo, pois o ressentimento é uma forma de acorrentamento. De acordo com a Verdade Cósmica, são necessários dois para haver um prisioneiro: o prisioneiro e um carcereiro. Não se pode ser prisioneiro por conta própria. Todo prisioneiro precisa ter um carcereiro, e o segundo é tão prisioneiro quanto o primeiro. Quando se guarda ressentimento contra alguém, a pessoa fica ligada à outra por um elo cósmico, por uma cadeia mental. Você está ligado por um laço cósmico à coisa que você detesta. A única pessoa, talvez em todo o mundo, que você odeia é justamente aquela a quem você está se ligando por um elo mais forte do que o aço. É isso o que quer? Deseja continuar a viver assim? Lembre-se, você pertence àquilo a que está ligado em pensamento e, mais cedo ou mais tarde, se esse laço persistir, o objeto de seu ressentimento será novamente atraído para sua vida, talvez para lhe trazer mais problemas. Você acha que pode aguentar isso? Claro que ninguém pode, portanto, só há uma saída: você precisa cortar todos esses laços, mediante um ato de perdão nítido e espiritual. Precisa libertar a pessoa que o ofendeu e deixá-la partir. Através do perdão, você se libertará a si próprio, salvará sua alma. E, como a lei do amor funciona da mesma maneira para todos, você também a ajudará a salvar a alma, tornando muito mais fácil para ela transformar-se no que deveria ser. Mas como levar a cabo o ato mágico do perdão, se fomos tão profundamente feridos que, apesar de há muito desejarmos perdoar, isso tenha, não obstante, sido impossível? Se tentarmos, do fundo do coração, perdoar, mas achamos que isso estava além de nossas forças?

- A técnica do perdão é bastante simples e não muito difícil de se aplicar quando se entende seu funcionamento. A única coisa essencial é **querer perdoar**. Desde que você deseje perdoar, a maior parte de sua tarefa já terá sido feita. As pessoas sempre fizeram do perdão um bicho-de-sete-cabeças por terem a impressão

errada de que perdoar uma pessoa faz com que se sintam compelidas a gostar dela. Felizmente, tal não é o caso - não temos de gostar de alguém de quem não gostamos espontaneamente, e a verdade é que é impossível gostar de alguém assim. É o mesmo que tentar segurar o vento com a mão, e, se você tentar forçar-se a isso, acabará detestando ou odiando a pessoa mais do que nunca. As pessoas costumavam pensar que, quando alguém as tinha ferido muito, era seu dever, como bons cristãos, obrigar-se a gostar desse alguém; como isso é completamente impossível, sofriam bastante e terminavam sentindo-se fracassadas, daí resultando um sentimento de pecado. Não somos obrigados a gostar de ninguém, mas temos a obrigação de amar a todos, já que o amor, ou a caridade, como a Bíblia lhe chama, envolve um sentido vívido de boa vontade impessoal. Isso nada tem a ver com os sentimentos, embora seja sempre seguido, mais cedo ou mais tarde, por um maravilhoso sentimento de paz e felicidade.